



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

THÁSSIA RODRIGUES PONTES

REFLEXÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Brasília
2013



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

THÁSSIA RODRIGUES PONTES

REFLEXÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia apresentado à Faculdade de educação da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Silmara Carina Dornelas Munhoz

Brasília
2013

Pontes, Thássia Rodrigues.

Reflexões a partir de uma experiência na educação infantil/ Thássia Rodrigues
Pontes. – 2013.
30 f. ;30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade
de Brasília, 2013.

Bibliografia: f. .

1.Educação infantil. 2.Pedagogia - ensino. 3. Educação - Brasil. I. Título.

CDD 370.153

THÁSSIA RODRIGUES PONTES

REFLEXÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia apresentado à Faculdade de educação da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Silmara Carina Dornelas Munhoz– Orientadora

Profa. Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

Profa. Dra. Shirleide Pereira da Silva Cruz

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, que sabe como ninguém das lutas e superações diárias e a Maria pelo cuidado e intercessão.

Aos meus avós, Edna e Domingos, que foram e continuam sendo meu maior orgulho e incentivo, obrigada por todo amor e auxílio que sempre me deram, pela educação e pelos valores que me transmitiram através do exemplo.

Aos meus pais, Maria Lúcia e Lavoisier pela chance de viver e poder conquistar os meus objetivos.

Aos familiares, que mesmo distantes, apoiaram e contribuíram com as etapas vencidas até agora.

Aos amigos que sempre apoiaram e torceram pelo meu sucesso. À Cecília, Suzaynne e suas respectivas famílias, que nos momentos mais difíceis me acolheram e foram a família que eu pude escolher. À Nina, Ellen, Tai, Ray, Brinks e Laila, amigas construídas na UnB, cada uma com seu lugar especial e com sua contribuição em algum momento desta conquista. Agradeço ao Felipe, que além de namorado, vem sendo um amigo, aos seus pais que torceram e ajudaram muito nessa etapa que está sendo concluída. Obrigada pelo cuidado, carinho e incentivo. À todos os amigos, próximos ou distantes, mas, que fazem parte da minha história.

Agradeço a todos que me ajudaram e participaram do início da minha trajetória profissional na Escola Paroquial Santo Antônio. E de modo especial àqueles que além de colegas de trabalho se tornaram verdadeiros amigos.

À professora e orientadora Silmara, um verdadeiro anjo que Deus colocou em minha vida. Obrigada pelo auxílio, preocupação, disponibilidade e principalmente parceria, nesta etapa tão importante.

Por fim, um agradecimento especial a vida que eu tenho, a todos os caminhos percorridos até então e a todas as conquistas futuras que já estão sendo preparadas.

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar um relato a respeito da trajetória da Educação Infantil apontando alguns dos fatos históricos que marcaram o início dessa fase escolar e também os objetivos e responsabilidades que lhe foram atribuídos. Tem o objetivo também, de apresentar teorias de autores como Piaget, Wallon e Vygotsky, que contribuíram com estudos a respeito do desenvolvimento da criança. Em alguns aspectos é possível perceber que existe semelhança na linha de pensamento de cada um, porém, há aspectos em que se nota também diferença em suas formas de perceber o desenvolvimento da criança. Serão relatadas situações de minha experiência profissional vivida na educação infantil enfatizando momentos onde se percebe a presença da teoria dos autores citados acima. O trabalho foi realizado através de uma análise teórica a respeito da Educação Infantil e dos autores citados e complementado com relatos de uma experiência vivenciada.

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil. Educação Infantil. Práxis.

ABSTRACT

This paper aims to present a report to the trajectories of early childhood education pointing out some of the historical facts that marked the beginning of this school phase and also the goals and responsibilities assigned to it. It aims also to present theories of authors such as Piaget, Vygotsky and Wallon, who contributed to studies on child development. In some ways you can see that there is similarity in the line of thought of each, however, there are ways in which one can also see a difference in their ways of perceiving the child's development. Will be reported situations of my lived experience in early childhood education emphasizing moments where you realize the presence of the theory of the authors cited above. The study was conducted through a theoretical analysis about the Early Childhood Education and authors cited and complemented with reports of an experience.

Keywords: Child Development. Early Childhood Education. Praxis.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	7
2 MEMORIAL	8
3 BREVE RELATO SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL	13
3.1 <i>A trajetória da educação na Europa e a criação da Educação Infantil</i>	13
3.2 <i>A criação da Educação Infantil no Brasil</i>	15
3.3 <i>Finalidades, objetivos e horizontes da educação infantil, hoje</i>	17
3.4 <i>Relatando algumas ideias das concepções sobre o desenvolvimento infantil</i>	19
3.5 <i>Desenvolvimento Infantil segundo Vygotsky</i>	20
3.6 <i>Desenvolvimento Infantil segundo Jean Piaget</i>	20
3.7 <i>Desenvolvimento Infantil na perspectiva de Henri Wallon</i>	21
4 COMPARTILHANDO MEU OLHAR E PENSAMENTOS...	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS	29
REFERÊNCIAS	30

1 APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso está estruturado em quatro partes.

A primeira parte é o memorial, conto um pouco daquilo que trago na memória educativa e social. Um relato sobre a minha trajetória de vida, focando de modo especial na minha trajetória escolar e nas minhas decisões profissionais.

Na segunda parte faço um breve relato a respeito da Educação Infantil, sua trajetória e importância. Falo também da percepção dos autores estudados - Piaget, Wallon e Vygotsky - a respeito do desenvolvimento infantil.

A terceira parte é composta pelo relato de minha experiência profissional e pela reflexão dos momentos onde se percebe a práxis.

A quarta e última parte é composta pelas considerações finais obtidas com a produção deste trabalho e também pela minha perspectiva de futuro e de atuação na Secretária de Educação.

2 MEMORIAL

Aos três anos de idade eu iniciei a minha vida escolar, morava em Ituiutaba – Cidade localizada no Triângulo Mineiro, MG – Nessa época morava na casa dos meus avôs com meus tios e tias, além dos meus avôs. Minha mãe não se casou com meu pai e pouco depois que eu nasci foi morar em outra cidade para trabalhar. Meu pai morava em Ituiutaba também e eu encontrava com eles às vezes.

Não me recordo de ter tido dificuldades para me adaptar ao ambiente escolar, pelo contrário, gostava muito de ir à escola e tinha um ótimo relacionamento com funcionários e amigos. Lembro-me de ter sido sempre muito comunicativa. Entrei no maternal, porém fiquei pouco tempo, os professores me consideraram bem desenvolvida e por isso fui para o Jardim I. Algo que me marcou bastante nesse período foi à forma como éramos recebidos na escola, estudava no período vespertino, na escola tinha um grande pátio onde os alunos se reuniam com professores e outros funcionários e em roda rezávamos agradecendo ao “Papai do Céu” por mais aquele dia e por tudo que tínhamos. Outra forte lembrança que tenho dessa época é do caminho que percorria para a escola, adorava os dias que meu avô materno me levava para a Escola em uma bicicleta. No Jardim III tive minha primeira formatura. Estava com um vestido até um pouco “exagerado”, todo branco. Sentia-me muito importante nos eventos da escola e gostava muito de participar das apresentações, adorava saber que tinham pessoas ali para me prestigiar e me entristecia muito quando minha mãe ou meu pai não estavam presentes.

Nessa primeira escola estudei até a 2ª série. Na 3ª série a escola foi vendida. Sempre fui muito competitiva e exigente comigo mesma no meu desempenho escolar. Tinha sempre que ser a primeira e saber tudo. No ano seguinte, 4ª série, tive uma professora com a qual me identifiquei muito. Acho que o nome dela era Rosângela. Dediquei-me muito nesse ano. Tive um ótimo desempenho e para finalizar o ano tive a minha segunda formatura. Na formatura ganhei um troféu de aluna destaque, que me deixou muito feliz.

Na 5ª série mudei novamente de colégio, era um colégio católico dirigido por Freiras. A escola era enorme, as salas tinham muitos alunos. No fim do ano decidi junto com minha avó e com meu avô que iríamos nos mudar para Brasília, lugar onde minha mãe morava no momento.

Mudamo-nos no ano de 2000, eu cursei quase toda a 6ª série em outro colégio católico situado em Brasília. Uma escola que tinha mais que o dobro de alunos e turmas que a antiga escola que eu já achava bem grande. O fato de estar em Brasília era bom por estar ao lado da

minha mãe, porém, esse foi um momento bem turbulento em nossa família. A convivência da minha mãe com meus avós e comigo não foi muito boa. Passamos por vários desentendimentos e por muito conflito até o momento em que nossa estadia com minha mãe foi se tornando impossível e então saímos de Brasília no meio do terceiro bimestre para voltar para Ituiutaba. Foi uma saída bem complicada e nada amigável. Por vergonha de tudo que estava acontecendo resolvi ir para outra escola, em Ituiutaba, e não voltar para a que eu já havia estudado. Foi a única escola que estudei que não era religiosa. Foi um ano em termos de notas bem complicado para mim. Quando retornei para minha cidade essa escola tinha uma forma bem diferente de avaliar e os conteúdos também não batiam. Foram feitas algumas alterações e consegui não perder meu ano, apesar de ter sido o ano que tive as menores notas de toda a minha trajetória escolar.

No ano seguinte, retornei para o colégio que havia estudado na 5ª série para cursar a 7ª e a 8ª. Considero que na 7ª série e na 8ª tive um bom desempenho, lembro-me de ter sido classificada em 1º lugar em dois concursos que participei a nível regional, isso pra mim fez uma diferença imensa na minha auto-estima. Um concurso foi da Fiat sobre os 500 anos do Brasil e outro foi do Banco do Brasil sobre Juscelino Kubistchek. Foi uma poesia e uma escultura que fiz. Participava ativamente de todos os eventos na escola. Na 8ª série me destaquei muito na disciplina de Química, sempre ganhava as competições. Durante esse período fiz amizades bem importantes e estimulantes na minha vida escolar. Ao terminar o 1º grau, eu tive novamente o interesse de ir morar com minha mãe, porém, dessa vez meus avós não me acompanharam.

Em Brasília fui matriculada em outra escola católica, porém, diferente do que eu havia estudado na primeira mudança. No início das aulas sempre tínhamos um momento de acolhida, onde eram feitas leituras de reflexão e após isso uma oração para iniciarmos nossos estudos.

Essa foi uma escola que me marcou de forma muito positiva. Conclui nela todo o meu ensino médio. Mais uma vez me engajei de forma direta em todos os movimentos e acontecimentos da escola, participava da banda, do grupo de jovem, dos jogos feitos em Brasília e em outras cidades, de cursos oferecidos pela escola, enfim... De tudo que era permitido. Eu gostava muito de tudo na escola e fazia questão de estar dentro daquilo que era possível.

Foi uma fase de mudanças na minha casa. Minha mãe ficou desempregada e havia passado a morar junto com meu padrasto. Além de todas as dificuldades financeiras e de relacionamento, se agravaram também os problemas devido ao vício do álcool que minha mãe

sempre teve desde sua separação do meu pai. Foi um momento importante em termos de amadurecimento e crescimento pessoal. Fui forçada a me “virar”. Sempre fui dedicada e responsável com minhas obrigações escolares.

Nesse momento surgiu a grande dúvida com relação ao curso superior. Meu pai sempre determinou que eu tivesse que fazer Medicina, que nenhum outro curso me daria sucesso e que também ele não me ajudaria a fazer outro curso. Toda essa pressão foi me dando um medo e fazendo com que eu desejasse que o ensino médio nunca acabasse.

Quando acabei o ensino médio, tinha feito apenas o PAS, e não tinha sido aprovada. Passei um ano sem entrar na faculdade. Queria fazer psicologia e meu Pai não aceitava. Passei um ano viajando e com a determinação do meu avô em me ajudar financeiramente resolvi fazer o vestibular em uma faculdade particular para psicologia. Fui aprovada e logo fiz minha matrícula. Na UnB me inscrevi em Pedagogia por ser mais fácil, pelo menos em termos de nota. Na ocasião do vestibular da UnB, já estava matriculada na outra faculdade, fiz o vestibular por obrigação.

Após o carnaval do ano de 2007- sexta-feira-, após ter começado minhas aulas na instituição particular, recebo uma ligação da UnB informando que eu precisava ir fazer meu registro, pois havia sido aprovada na 2ª chamada do 1º vestibular de 2007. Confesso que a princípio não acreditei e nem fiquei animada. Estava feliz do jeito que estava e por mais que na minha cabeça existia relação entre Psicologia e Pedagogia eu queria mesmo era Psicologia.

Comecei meu curso na UnB no 1º semestre de 2007. Meu 1º semestre foi um pouco traumatizante. Tudo na UnB me desagradava... Era muito diferente da minha realidade no ensino médio. As matérias não me atraíam. Enfim, não gostei nem um pouco do meu 1º semestre.

Passei por muitas crises de que não estava no curso certo, fiquei completamente perdida, porém, mais uma vez eu não podia falar nada com ninguém da família. Tinha medo de decepcionar e com certeza era uma coisa que meu pai jamais aceitaria. Uma coisa que me deixava firme nos meus momentos de crise era a vontade de ter um diploma da UnB. Meu período de Universidade foi o ápice dos meus problemas familiares. Minha mãe estava muito pior por causa da sua depressão e do seu vício. Tudo era responsabilidade minha por ser filha única, eu sempre fui muito cobrada, pelos outros e por mim.

A partir do meu segundo ano na faculdade, comecei a trabalhar em uma escola privada de Brasília com a área de Educação Infantil. Nunca tinha trabalhado antes, comecei trabalhando com crianças de cinco anos, e até então nunca me imaginei como professora e nem gostava da idéia. Tive dificuldades no início para saber se realmente estava fazendo as

coisas da maneira certa. Meu primeiro contato com o ambiente escolar me impactou um pouco e me deixou insegura com o curso.

Em 2009 minha mãe passou por uma internação demorada e meu contato nesta época com a faculdade foi bem restrito, ia apenas para as aulas e confesso que não tive muita estrutura para concentrar e aproveitar esse tempo da minha faculdade, apenas cumpri os meus deveres.

Minha mãe saiu do hospital apenas no final do primeiro semestre de 2009, diagnosticada com uma doença que exigia cuidados e tratamento e a crise de abstinência tornou nossa convivência impossível. No final desse mesmo ano outra grande decisão, sai da casa da minha mãe e fui morar com a família de uma amiga. Continuei na faculdade e consegui não prejudicar minhas notas, o que pra mim foi uma grande vitória. Continuei no trabalho também, era um lugar que já me fazia bem, pois, comecei a me identificar com a profissão. O que sinto é não ter aproveitado nessa época tudo que deveria.

Todas as mudanças e o acúmulo de cobranças me levaram a alguns problemas de saúde, o que me forçou a me afastar da faculdade e do trabalho durante um tempo do semestre de 2010. Nessa época já havia sido contratada na escola em que trabalhava, tive minha carteira assinada e trabalhava como auxiliar de classe do Infantil três com uma professora que sempre será um exemplo para mim: a Tia Jana. Essa foi a pior fase que tive no meu curso, estava de fato sofrendo muito com tudo e sofria por não conseguir assumir e fazer direito todas as minhas obrigações. Já estava praticamente concluindo meu curso, mas, precisei interromper. Muitos professores não entenderam e isso me frustrou muito com a faculdade. Foi a primeira vez que recebi um MM no curso, pois, um professor não aceitou avaliar com o mesmo critério apenas os trabalhos feitos a domicílio.

Toda essa situação aconteceu como foi dito no ano de 2010, foi no meu 7º semestre, estava com as matérias obrigatórias sendo concluídas e faltaria apenas a monografia. Mesmo em meio ao meu problema de saúde e sem estudar consegui ser aprovada no concurso da Fundação Educacional no segundo semestre de 2010, foi realmente um milagre.

Retornei as minhas atividades no final do segundo bimestre de 2010, na faculdade e na escola em que trabalhava. Com a aprovação no concurso e por faltar apenas a Monografia para a conclusão do meu curso ganhei uma turma para ser regente. Eu iria apenas substituir uma licença maternidade, mas, acabei ficando por reivindicação dos pais. A faculdade nessa época passou por uma greve demorada e novamente outras situações da minha vida me fizeram ter que afastar da faculdade. Eu não podia deixar de trabalhar. Passei o ano de 2011 e o primeiro semestre de 2012 afastada. Estou realizando a conclusão da minha monografia

agora, graças à ajuda e disponibilidade de uma professora muito especial- Silmara Carina- e após a minha nomeação no Concurso da Fundação de 2010.

Passei os anos de 2011 e 2012 como regente de turma, no Infantil 3 e Infantil 2. Iniciei o ano de 2013 como regente no Infantil 2 novamente.

Antes de atuar na Educação Infantil, confesso que, por não conhecer, achava que essa fase escolar era apenas para recreação das crianças e para ocupar o tempo e gastar energia. Em pouco tempo e com a convivência naquele contexto comecei a perceber que minha idéia a respeito dessa fase escolar era bem equivocada. Considero que a partir de então despertei um interesse grande em me aprofundar mais no conhecimento dos objetivos e das propostas da educação infantil e comecei a reconhecer na educação infantil uma grande oportunidade e possibilidade que a Pedagogia ia me oferecer. Diante disso o meu interesse em concluir meu curso com esse tema.

Para finalizar deixo registrado que meu período acadêmico trouxe pra mim, em meio a tantas dificuldades, e alegrias um crescimento e amadurecimento muito grande. Não foi por acaso que eu consegui passar no vestibular da UnB. Despertei uma paixão por educar e me relacionar com as crianças. Encontrei na faculdade apesar da pouca convivência e das dificuldades pessoas e mestres que despertaram em mim admiração. Destes, a quem serei sempre grata, destaco aqueles que sempre deixaram em evidência a paixão que existe em ensinar. Paixão esta que hoje existe em meu coração e a qual se renova a cada vez que sinto que fui útil no desenvolvimento cognitivo, social e principalmente emocional. Ensinar hoje pra mim esta muito além de avaliar. Ensinar é arte que se completa quando somos o mediador do conhecimento e nos tornamos mestres em ajudar nossos alunos a serem protagonistas de suas vidas, mostrando valores e sentimentos que deveriam mover todos os seres humanos.

3 BREVE RELATO SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A infância nem sempre recebeu a mesma importância e o mesmo reconhecimento que tem nos dias atuais. A forma como a infância é percebida hoje está relacionada a mudanças econômicas, políticas e culturais.

A educação infantil surgiu a partir da necessidade que os pais tinham de alguém ou algo para dar atenção e cuidar dos filhos enquanto trabalhavam. Aos poucos foi demonstrando ser um instrumento valioso para o desenvolvimento da criança. Por essa razão, mesmo as famílias que tinham condição de prover os meios de atenção e cuidado com os filhos na idade pré-escolar, começaram a buscar o atendimento em centros pré-escolares, interessadas mais na função educacional do que assistencial. Ao longo do tempo, foram se consolidando dois modelos distintos: a creche, de caráter mais assistencial, de cuidados durante o dia inteiro; e a pré-escola ou jardim de infância, geralmente de quatro horas, e voltada para objetivos educacionais. Hoje a educação infantil se posiciona entre as prioridades sociais e educacionais, pelo papel que cumpre na formação de base, na construção das estruturas cognitivas, sociais e afetivas da pessoa, as quais a acompanharão como constituintes nas diversas circunstâncias da vida, na formação do cidadão. Trata-se da construção de estruturas de base sociais, afetivas e cognitivas que determinam e possibilitam as novas construções e aprendizagens.

3.1 *A trajetória da educação na Europa e a criação da Educação Infantil*

Durante a Idade Média a criança era tratada como um pequeno adulto e realizava atividades de pessoas mais velhas. A sociedade era feudal e os senhores de terra em seus domínios construía suas leis, cultura, moedas, valores e tudo mais que fosse conveniente. A Igreja e o Estado eram responsáveis pela limitação do poder desses senhores feudais e pela legalização da política. O que todos nessa época esperavam era que a criança alcançasse maior idade para entrar na vida adulta. As crianças diante da realidade em que viviam e da precariedade presente não possuíam expectativa de vida e desenvolvimento.

Nesse período, independente da classe da qual pertencia a criança, aos sete anos passava a conviver com outra família. O objetivo era aprender trabalhos domésticos e valores, além, de não desenvolver sentimentos afetivos entre pais e filhos. Os colégios que existiam nessa época eram controlados pela Igreja e reservados há uma pequena parte da população, principalmente do sexo masculino.

A Igreja Católica a partir do desenvolvimento do comércio e o aparecimento da Burguesia perdeu parte de seu poder. A partir do século XIII houve um crescimento considerável nas cidades. Com esse fato e por causa do poder que saiu das mãos da Igreja aconteceu à diminuição da assistência social aumentou-se o da concentração da pobreza. Neste momento passaram a existir duas concepções contraditórias a respeito da criança. Uma concepção considerava a criança como ingênua e inocente e a outra considera a criança como imperfeita e incompleta. Assim havia a necessidade de moralização da criança através do adulto. Através dessa realidade foi surgindo uma base familiar diferente da Idade Média, a família burguesa.

Algumas mudanças sociais durante a Idade Moderna, como a Revolução Industrial, o Iluminismo e os Estados Laicos, trouxeram modificações sociais e intelectuais. Essas mudanças estiveram muito relacionadas à concepção que se tinha sobre criança. A criança nobre era tratada de forma diferente da criança pobre. A criança nobre era tratada com piedade e caso viesse a morrer sua morte era motivo de tristeza e usavam de retratos para torná-la imortal. Neste momento a criança ao invés de trabalhar necessitava de cuidado e escolarização para um futuro diferente. Surgem assim as primeiras propostas de educação e moralização infantil. Nos colégios, muitos leigos, foram responsáveis por essa educação. Leigos, nobres, burgueses e classes populares começaram a ter acesso à educação, lembrando que, as classes não eram misturadas, e por isso, começou a discriminação antes ensino dos ricos e dos pobres. Nesse primeiro momento o ensino era voltado aos meninos, meninas passaram a ter acesso somente a partir do século XVIII. O castigo corporal era uma forma de educação disciplinar, usado tanto pela família, como pela escola. Surgiram nessa época também as primeiras creches, que abrigavam filhos de mulheres que trabalhavam na indústria.

Durante o capitalismo através das mudanças científicas e tecnológicas, a preocupação em desenvolver a criança para uma atuação futura esteve mais presente. Para a sociedade capitalista, a criança precisava dos cuidados de um adulto e por isso era completamente subordinada perante o adulto. Criou-se o primário para classes populares. O ensino era prático e voltado à formação de mão de obra. O ensino secundário foi criado voltado à burguesia e aristocracia. Tinham o objetivo de formar pessoas cultas, pensadoras, e que controlassem a sociedade.

As aspirações educacionais aumentam à proporção em que ele acredita que a escolaridade poderá representar maiores ganhos, o que provoca freqüentemente a inserção da criança no trabalho simultâneo à vida escolar. [...] A educação tem um valor de investimento a médio ou longo prazo e o desenvolvimento da criança contribuirá futuramente para aumentar o capital familiar (KRAMER, 1992, p. 23).

Durante esse período criou-se na Europa programas compensatórios para suprir deficiência que existiam na saúde, nutrição, educação e no meio cultural. A fragmentação social fez com que a escola fosse afetada em muitos aspectos. Nem todas as crianças pertenciam à burguesia e nem traziam bagagens familiares que eram aproveitadas pela escola.

Através dos programas compensatórios citados acima, começou-se uma educação compensatória no século XIX com Pestalozzi, Froebel, Montessori e McMillan. A pré-escola era encarada por esses pensadores como uma forma de superar a miséria, a pobreza, a negligência das famílias. Mas sua aplicação ocorreu efetivamente no século XX.

A educação pré-escolar começou a ser reconhecida como necessária tanto na Europa quanto nos Estados Unidos durante a depressão de 30. Seu principal objetivo era o de garantir emprego a professores, enfermeiros e outros profissionais e, simultaneamente, fornecer nutrição, proteção e um ambiente saudável e emocionalmente estável para crianças carentes de dois a cinco anos de idade (KRAMER, 1992, p. 26).

Após a Segunda Guerra Mundial o atendimento pré-escolar tomou novo impulso. Nesse momento havia muitas mães que começaram a trabalhar nas indústrias bélicas ou naquelas que substituíam o trabalho masculino. Havia uma necessidade de prestar uma assistência social focada nas necessidades emocionais e sociais da criança.

Crescia o interesse de estudiosos pelo desenvolvimento da criança e todas as questões relacionadas a esse desenvolvimento.

3.2 *A criação da Educação Infantil no Brasil*

Durante o período de escravidão no Brasil, a criança a partir de 12 anos era considerada adulta, tanto para o trabalho quanto para a vida sexual. A criança entre 6 e 12 anos começava a trabalhar como auxiliar em pequenas atividades. Os brancos aos 6 anos iniciavam alguns estudos como: língua, gramática, matemática e boas maneiras.

O índice de mortalidade infantil era grande e por isso, as primeiras atitudes voltadas a crianças foram de caráter higienizador. Médicos e pessoas beneficentes realizavam esse trabalho.

Após a Abolição e o início da República aconteceram mudanças na sociedade, novas ideias capitalistas e urbano-industriais foram sendo implantadas.

No Brasil as creches foram criadas com intuito de atender as mães que trabalhavam nas indústrias e os filhos de empregadas domésticas. As creches populares prestavam serviços relacionados à alimentação, higiene e segurança física.

Em 1919 criou-se o Departamento da Criança com o objetivo de realizar tarefas como: realizar histórico sobre a situação da proteção a infância no Brasil; fomentar iniciativas de amparo à criança e à mulher grávida pobre; publicar boletins, divulgar conhecimentos; promover congressos; concorrer para a aplicação das leis de amparo à criança; uniformizar as estatísticas brasileiras sobre mortalidade infantil (ZÍLIO, 2008).

A partir dos anos 1930 a criança passa a ser vista como um adulto em potencial e por isso surgiram muitos órgãos de amparo assistencial e jurídico para a infância. Apesar desses órgãos e de todas as mudanças, as melhorias não foram acessíveis a todas as camadas da população reproduzindo assim, as desigualdades existentes na sociedade. Foi um período marcado por um governo centralizado política e financeiramente.

Nas décadas de 60/70 algumas inovações foram feitas nas áreas de educação, saúde, assistência social, previdência. O nível básico de educação passou a ser obrigatório e gratuito na Constituição. Em 1971 passou a ser de 8 anos o nível básico. Em 1971 o ensino passou a ser responsabilidade do município, mesmo, alguns não conseguindo realizar esse processo sem ajuda do Estado e da União.

Devido há uma grande evasão escolar e repetência de crianças da classe pobre no primeiro grau foi instituída a educação pré-escolar. A educação pré-escolar foi chamada a princípio de educação compensatória e era direcionada a crianças de 4 a 6 anos. Essas pré-escolas não possuíam um caráter formal, os professores não eram necessariamente qualificados e não havia remuneração digna para um trabalho pedagógico sério. Muitas vezes a mão-de-obra das pré-escolas era constituída por voluntários. Nesse período era nítida a diferença entre o serviço prestado pelas creches públicas com aquele prestado por creches privadas. Enquanto as creches públicas se preocupavam em prestar serviços assistenciais, as creches particulares desenvolviam atividades educativas, voltadas para aspectos cognitivos, emocionais e sociais.

Nos anos 80, existiam problemas referentes à educação pré-escolar como: ausência de uma política global e integrada; a falta de coordenação entre programas educacionais e de saúde; predominância do enfoque preparatório para o primeiro grau; insuficiência de docente qualificado, escassez de programas inovadores e falta da participação familiar e da sociedade (ZÍLIO, 2008).

Através de congressos, da ANPED (Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação) e da Constituição de 1988, a educação pré-escolar é vista como necessária e de direito de todos, além de ser dever do Estado e ser integrada ao sistema de ensino (tanto creches como escolas).

Assim, tanto a creche quanto a pré-escola são incluídas na política educacional, seguindo uma concepção pedagógica, complementando a ação familiar, e não mais assistencialista, passando a ser um dever do Estado e direito da criança. A criança passa a ser vista nessa perspectiva como um ser social, histórico, pertencente a uma determinada classe social e cultural. Essa descentralização e municipalização do ensino trazem outras dificuldades, como a dependência financeira dos municípios com o Estado para desenvolver a educação infantil e primária. Através da Constituição de 1988 há a reafirmação do direito da creche e pré-escola para a criança de 0 a 6 anos.

A criação do Estatuto da Criança e do Adolescente responsabiliza os municípios pela infância e adolescência.

Por este breve histórico podemos perceber que a Educação Infantil institucionalizada é muito recente, sendo implantada no Brasil a partir dos anos 30, com a necessidade de formar mão-de-obra qualificada para industrializa o país.

3.3 Finalidades, objetivos e horizontes da educação infantil, hoje

A Educação Infantil tem sua importância reconhecida cada vez mais. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/1996, promulgada em 20 de dezembro de 1996, estabelece como finalidade da educação infantil o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. A Educação Infantil é reconhecida como etapa educativa e inclui o redimensionamento da educação básica do país. A ampliação da escolaridade se tornou obrigatória e inclui crianças a partir dos quatro anos por meio da Emenda Constitucional de 59. A partir da concepção de criança como um ser social e das contribuições das teorias do desenvolvimento que dialogam com a educação, pode-se propor como objetivo, nessa fase, a produção de aprendizagens, pelas próprias crianças, as quais levam à construção de estruturas de pensamento e a possibilidades de novas aprendizagens de novos conceitos. Nessa faixa etária, é oportuno o trabalho de autoconhecimento da criança, onde ela se percebe como um ser, que pertence a uma família com cultura e características próprias, diferenciando também o eu/outro.

A educação infantil não tem currículo formal. A partir do ano de 1998 passou a seguir o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), documento, que pretende apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas identidades e sejam capazes de crescer como cidadãos com

direitos reconhecidos, além de, contribuir para o objetivo socializador da etapa educacional para que a criança amplie seus conhecimentos da realidade social e cultural. Esse referencial equivale aos Parâmetros Curriculares Nacionais que servem de embasamento para outros segmentos da educação básica. Dessa forma e de acordo com o Referencial citado o papel da educação infantil está ligado ao cuidado com a criança em todos os aspectos e em um espaço formal. Além do cuidado, seu papel é também educar respeitando o limite de cada criança e valorizando o caráter lúdico de atividades que sejam interessantes para cada faixa etária e etapa de seu desenvolvimento. A educação infantil não tem como objetivo a alfabetização completa, existe uma alfabetização emergente através da inserção no mundo dos signos da língua materna e demais linguagens.

Nos referenciais os eixos a serem trabalhados nessa etapa de desenvolvimento são: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática.

A grande importância e os objetivos mais relevantes da Educação Infantil consistem em propiciar à criança a ampliação de relações sociais através da interação com o outro, o reconhecimento de seu corpo e de seu desenvolvimento, possibilitar a criança se expressar e se desenvolver através do brincar e das variadas formas pelas quais ela se comunica. O estímulo nessa etapa é fundamental. É importante que a criança seja estimulada de muitas formas, de forma que sua curiosidade seja despertada.

Todo contexto em que a criança está inserida na Educação Infantil precisa apresentar condições adequadas para promover seu bem estar, seu desenvolvimento físico, emocional, intelectual, moral e social. O ambiente favorável pode ampliar suas experiências e estimular seu interesse pelo processo de conhecimento do ser humano, da natureza e da sociedade.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998, p. 63) destaca como importância para o desenvolvimento na Educação Infantil os seguintes aspectos:

- Desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- Estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;

- Estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- Observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;
- Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- Utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas idéias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;
- Conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade.

Todo o estímulo e objetivos a serem alcançados na Educação Infantil visam o desenvolvimento de capacidades, capacidades essas, que devem levar em consideração a individualidade de cada criança em âmbitos culturais, sociais e econômicos. Através das capacidades podem-se aperfeiçoar habilidades físicas ou motoras do educando. Existem capacidades de diferentes ordens, como: ordem física, ordem cognitiva, ordem afetiva, ordem estética, relação interpessoal, de inserção social.

A seguir vamos abordar algumas nuances das principais concepções acerca do desenvolvimento infantil.

3.4 Relatando algumas ideias das concepções sobre o desenvolvimento infantil

Para Piaget, Vygotsky e Wallon a aprendizagem e conhecimento acontecem através das trocas estabelecidas entre os indivíduos ou mesmo com o meio. Defendem uma teoria interacionista na qual o processo de desenvolvimento é dinâmico. O desenvolvimento das crianças na visão desses três autores citados acima acontece através de uma interação. As crianças não são seres passivos, elas recebem a informação, mas, através do contato consigo, com o outro e com o meio com os quais elas vão se desenvolvendo em seus mais variados aspectos. Desenvolvem sua linguagem, sua capacidade afetiva, auto-estima, raciocínio,

pensamento, entre outros aspectos. Os estudos apresentados por Piaget, Vygotsky e Wallon, não concordam em todos os aspectos no que se refere ao desenvolvimento da criança, porém, cada um contribui de forma singular para o trabalho e a percepção do educador. É possível perceber em sala de aula situações concretas onde se faz presente a teoria de um ou de outro no desenvolvimento da criança. Vamos apresentar apenas algumas ideias que norteiam as teorias destes autores.

3.5 Desenvolvimento Infantil segundo Lev Semenovitch Vygotsky

Vygotsky foi um estudioso Russo na área de história, literatura, filosofia e psicologia. De acordo com sua teoria o funcionamento psicológico acontece a partir das relações sociais estabelecidas entre o indivíduo e o meio cultural. As relações sempre se dão em um contexto histórico e social, onde a cultura tem papel relevante. O processo de desenvolvimento psicológico é um processo contextualizado e concreto.

A relação dos indivíduos com o mundo é mediada por sistemas simbólicos, onde a linguagem é o principal. Através da linguagem há a comunicação entre os indivíduos e a abstração e generalização do pensamento.

Vygotsky destaca que a criança em seu processo de desenvolvimento apresenta um nível ao qual ele atribui o nome de real e outro nível que se chama potencial. O nível de desenvolvimento real refere-se às atividades que a criança consegue realizar sozinha e o nível de desenvolvimento potencial refere-se as atividades que ela consegue realizar com a ajuda dos outros. A distância entre o desenvolvimento real e o potencial é chamada por Vygotsky de zona de desenvolvimento proximal ou potencial. Para o autor, a interferência ou relação social com indivíduos com diferentes experiências culturais possibilita a alteração do desenvolvimento de uma pessoa, visto que, através dessa interferência a pessoa pode sair do desenvolvimento potencial para o real.

3.6 Desenvolvimento Infantil segundo Jean Piaget

Jean Piaget foi um biólogo e epistemólogo suíço. Desenvolveu uma pesquisa por 50 anos para construir sua teoria e sua maior preocupação era descobrir como o conhecimento era estruturado. Sua teoria afirma que para conhecer, o objeto de conhecimento precisa estar inserido em um sistema de relações. O ponto de partida é uma ação executada sobre o objeto

de conhecimento. O processo de conhecimento segundo Piaget, evolve, organização, estruturação, entendimento e mais tarde a explicação de pensamentos e ações.

Piaget observou quatro estágios para o desenvolvimento infantil, o estágio sensório-motor, o estágio pré-operacional, o estágio operacional concreto e o operacional abstrato. No caso deste trabalho daremos ênfase na explicação dos dois primeiros, visto que o objetivo do trabalho está voltado a fase inicial do desenvolvimento da criança.

O estágio sensório motor refere-se ao desenvolvimento que acontece de zero a dois anos aproximadamente. O estágio sensório-motor caracteriza uma etapa de atividades físicas dirigidas a objetos e situações externas. É nessa fase que a linguagem geralmente começa a ser adquirida e a criança começa a andar. Com a linguagem a criança inicia o processo de socialização da inteligência. Sua experiência externa nesse estágio começa a ser representada mentalmente. O segundo estágio citado por Piaget é o estágio pré-operacional que inicia por volta dos dois anos e vai até aproximadamente os sete. Neste estágio a criança desenvolve a capacidade de efetuar operações lógico-matemáticas, como, seriação e classificação. Neste estágio também a criança já é capaz de empregar símbolos e signos, porém, não desenvolveu o que Piaget chama de reversibilidade, a capacidade simultânea de pensar no estado inicial e final de alguma transformação efetuada em algum objeto.

3.7 Desenvolvimento Infantil na perspectiva de Henri Wallon

Henri Wallon é foi um médico Francês que desenvolveu estudos na área da Neurologia e relacionados à plasticidade do cérebro. O estudo que fez a respeito do desenvolvimento infantil contemplava de forma integrada aspectos da afetividade, motricidade e da inteligência. De acordo com sua teoria o desenvolvimento da inteligência está relacionado as experiências oferecidas pelo meio e da forma como o sujeito se apropria de tais experiências. Aspectos como: ambiente físico, pessoas próximas, cultura e linguagem estão totalmente ligados e podem contribuir de forma positiva ou negativa no desenvolvimento da criança. Para Wallon o desenvolvimento se dá de forma descontínua e é marcado por rupturas e retrocessos. Assim como Vygotsky e Piaget eles divide o desenvolvimento em estágios, porém, para Wallon em cada estágio há uma reformulação e não apenas uma adição dos estágios anteriores.

Wallon divide o desenvolvimento da criança em quatro estágios: Estágio impulsivo-emocional, Estágio sensório-motor, Personalismo, Estágio Categorical.

O estágio impulsivo- emocional acontece no primeiro ano de vida, fase de construção do sujeito e de relações emocionais com o ambiente. A atividade cognitiva neste estágio se encontra separada da atividade afetiva. Nesta fase a criança começa a desenvolver condições sensório-motoras, como: olhar, pegar e o início dos primeiros passos.

O estágio sensório-motor acontece de um a três anos aproximadamente. Nesse momento começa a ser explorado o contexto físico, o ambiente no qual a criança está inserida. Neste estágio predomina as relações cognitivas com o meio. A partir dessa fase a criança começa a simbolizar. A partir do final do segundo ano a fala já se faz presente e com a representação estabelecem uma relação diferente com o ambiente. Nesta fase a criança assimila as palavras e seus significados, sem a necessidade de ver algo concreto para relacionar o nome ao objeto referido.

No Personalismo que vai dos três a seis anos aproximadamente, ocorre a percepção e consciência da individualidade da criança, a consciência de si, nas relações sociais. Nessa fase predomina as relações afetivas. O interesse das crianças se dirige ao outro e as relações sociais. O Estágio Categorical que acontece a partir dos seis anos a criança dirige sua atenção para o conhecimento e a conquista do exterior. É uma fase em que a criança tem uma bagagem dos anos anteriores que possibilitaram a ela um grande desenvolvimento intelectual. A partir dessa fase, suas relações com o meio ganham um maior destaque a partir do contexto cognitivo.

Na seção seguinte, compartilho com você, caro leitor, um pouco de minha experiência como professora e como percebo as teorias em minha prática pedagógica.

4 COMPARTILHANDO MEU OLHAR E PENSAMENTOS...

Como relatado, nestes anos de experiência como professora tive a oportunidade de conhecer e trabalhar com todas as idades (dois a cinco anos) da Educação Infantil de uma escola particular de Brasília. Das turmas trabalhadas as que mais me chamaram a atenção, em virtude do tempo de observação foram os períodos iniciais - infantil dois e três, em que as crianças encontram-se na faixa etária entre dois e três anos.

Acredito que essa é a fase, de forma especial o infantil dois, em que o desenvolvimento, principalmente emocional, da criança se torna mais evidente. A escola a que me refiro atendia crianças de classe média, crianças geralmente cuidadas por babás e com um contexto familiar e material estruturado. Contudo, em muitos momentos comecei a observar situações contraditórias. Apesar de toda estrutura e estímulos externos que tinham como brinquedos, tecnologias, atividades extras entre outros, era notável em algumas crianças uma lacuna no seu desenvolvimento. Notava dificuldades apresentadas no desenvolvimento da linguagem, principalmente na oralidade, além de dificuldades de socialização e adaptação.

Particularmente, atribuo estas diferenças no desenvolvimento das crianças que trabalhei não ao ritmo de cada uma em si, mas às interações que estas estabelecem com o meio no qual se encontram inseridas. Assim observei um mecanismo de super proteção por parte dos pais que, a meu ver, tentavam suprir sua presença física através de coisas materiais de forma desregrada. A falta de estímulo em relação ao desenvolvimento da fala foi outro aspecto observado por mim – crianças que são acostumadas a receber tudo a mão, sem muito esforço, que têm a televisão e os *tablets* como recursos de interação.

Meu contato e experiência com as crianças foi responsável por me fazer reconhecer de fato a importância do desenvolvimento na primeira infância e o papel da educação infantil neste processo. Nesta experiência, pude constatar que as crianças vão se constituindo nas relações que estabelecem com o outro. A este respeito Vygotsky (1989, p. 143) afirma que: “... a personalidade converte-se para si naquilo que é em si através do que representa para os outros. Este é o processo de formação da personalidade”. Refletindo sobre a preposição de Vygotsky passo a entender a importância do meu papel como educadora, nas mediações que tenho condições e preciso realizar com o objetivo de contribuir para o processo de desenvolvimento da criança. .

Voltando à minha experiência, a metodologia utilizada para desenvolver as atividades na educação infantil é o trabalho com projetos. A cada ano letivo são desenvolvidos quatro projetos diferentes, distribuídos bimestralmente. Neste trabalho escolhi por relatar de forma

particular minha experiência durante um ano no Infantil dois (dois e três anos) e darei uma ênfase maior ao projeto de *Identidade e Autonomia*, que considero ter sido o projeto aproveitado de forma positiva por toda a turma.

Desde que a escola passou a trabalhar com projetos, o de *Identidade e Autonomia* sempre aconteceu no 1º bimestre. Considero ser um dos projetos mais importantes e interessantes para a etapa da Educação Infantil, de forma especial para as crianças de dois e três anos, pois trabalhar a *Identidade e Autonomia* com essa faixa etária é fundamental para o processo de diferenciação do outro e reconhecimento de si mesma.

De acordo com o dicionário da língua portuguesa Houaiss, o conceito de Identidade é: “Conjunto das características próprias e exclusivas de um indivíduo. Consciência da própria personalidade. O que faz que uma coisa seja diferente da outra. Estado do que fica sempre igual. Documento de identificação.” (2004, p. 396) A psicologia social compreende *identidade* como uma construção, num infundável processo de transformação. Neste sentido, *identidade* é movimento onde o contexto histórico e social em que o homem vive marca sua determinação e, conseqüentemente, emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de sermos o Eu e um Outro (CIAMPA, 2006).

Nesta fase, pelo que foi observado, é o momento em que a criança começa a se perceber como indivíduo, identificando suas vontades, qualidades, características. Trabalhar a identidade neste momento específico cria novas possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento à criança.

Wallon diz que nesta faixa etária (dois e três anos) a criança encontra-se no período sensório-motor. Neste período o contexto físico passa a ser explorado, o ambiente no qual a criança está inserida é o que mais desperta seu interesse. Para Wallon (1995) neste estágio “[...] o pensamento precisa do auxílio dos gestos para se exteriorizar, o ato mental ‘projeta-se’ em atos motores” (p. 44) predominando as relações cognitivas com o meio.

A partir dessa fase a criança começa a simbolizar. A partir do final do segundo ano a fala já se faz presente e com a representação estabelecem uma relação diferente com o ambiente. A representação ou função simbólica consiste no fato da criança assimilar as palavras e seus significados, sem a necessidade de ver algo concreto para relacionar o nome ao objeto referido, ou seja, começa a trabalhar com signos. Piaget também se refere ao estágio sensório motor, mas chama de período pré-operatório a fase em que a criança começa a desenvolver o pensamento simbólico. Para o autor com o desenvolvimento da linguagem a criança inicia o processo de socialização da inteligência. Sua experiência externa nesse

estágio começa a ser representada mentalmente. A criança desenvolve, ainda, a capacidade de efetuar operações lógico-matemáticas, como, seriação e classificação.

Em minha prática, para possibilitar às crianças a construção de uma *identidade*, utilizamos diversas metodologias de trabalho, sempre voltadas a conhecer a história de cada criança. Uma dessas estratégias foi uma pesquisa enviada para casa, e que consistiu numa experiência riquíssima. Na pesquisa tinham perguntas a respeito da criança, como: a) origem do nome, peso e tamanho no nascimento, preferências, primeira palavra, entre outras; b) perguntas a respeito da família da qual a criança fazia parte; c) uma parte dedicada a fotos, da criança e da família.

Essa pesquisa realizada, bem como seu resultado me fez perceber aspectos do processo de construção da identidade da criança. Para Vygotsky (1932) o sujeito é constituído de forma interativa, porque o conhecimento que adquire e a forma como se constitui se faz a partir de relações interpessoais. Na troca com outros indivíduos e consigo o conhecimento vai se concretizando e desenvolvendo. A partir desse conhecimento o sujeito começa a entender seu papel e sua função social, e passa a se perceber como indivíduo, com características próprias e responsabilidades.

Os resultados da pesquisa desenvolvida por cada criança foram expostos no momento da rodinha, estimulando a criança a relatar aspectos de sua história. No momento das apresentações foi perceptível que as crianças conseguiam se identificar uma com a história da outra, relacionar aquelas que tinham quantidades iguais de irmãos, perceberem a diferença entre ter ou não irmão, perceber características físicas através das fotos, identificarem a papel social de cada membro da família. Era o movimento de identificar-se com o outro, ao mesmo tempo em que, se distanciava deste. O coletivo e o singular caminhando juntos.

Neste momento percebi que mesmo crianças muito tímidas participaram. Era explícito o entusiasmo da criança para contar sua história, para mostrar o mundo do qual pertencia. Este momento de identificar diferenças e semelhanças é fundamental para começar a construir na criança a noção de si mesma, fazendo a perceber que é responsável por sua história. Mesmo crianças ainda pequenas conseguem identificar-se com o que é próprio ou alheio. Reconhecem-se na história do outro e na sua própria.

É impossível pensar no desenvolvimento da criança e na sua socialização, sem pensar na construção de sua identidade. A construção da identidade é um processo que faz parte de seu crescimento. A criança vai tomando consciência de si, do seu corpo, das suas relações com o meio, dos seus limites, etc. Através da construção da identidade ela percebe o seu papel social e sua necessidade de interação e capacidade de transformação. Wallon (1945) e

Vygostsky (1932) defendem em suas teorias a importância do meio na construção do conhecimento e da aprendizagem da criança. Para Wallon, o desenvolvimento infantil se dá com aspectos da motricidade, afetividade e inteligência integrados e relacionados com as experiências oferecidas pelo meio. A criança adquirir noção de sua capacidade de transformação é fundamental para seu desenvolvimento concreto e para a autonomia que precisa desenvolver.

Pensando a *identidade* a partir do que foi exposto até aqui é possível perceber a relação que esse tema tem com a *Autonomia*. Trabalhar a *autonomia* nessa faixa de dois e três anos e, principalmente no contexto dessas crianças, é fundamental. A criança chega à escola para o infantil dois fazendo geralmente o uso de fraldas. O processo de retirada da fralda implica em começar a trabalhar a autonomia da criança. Percebi que as maiores das crianças não desenvolviam autonomia porque em muitas situações ainda eram tratadas como bebês. Concordo que ainda são crianças pequenas e indefesas, porém, acredito que em muitas situações estimular a autonomia é necessário e possibilitará seu desenvolvimento. .

Quando me refiro à *autonomia* lembro-me de Piaget ao citar em sua teoria aspectos do desenvolvimento da autonomia da criança. O autor pesquisou e escreveu sobre o desenvolvimento do juízo moral na criança. Para ele: “Toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por estas regras.” (LA TAILLE, p. 2) A prática e a consciência que as crianças adquirem a respeito das regras, Piaget considera que se dá em três momentos: a) ao primeiro momento ele atribuiu o nome de anomia, b) para o segundo heteronomia e c) para o terceiro autonomia. Na anomia, para a criança pequena não existem regras e nem normas a serem cumpridas, é como se tudo fosse de acordo com suas vontades. Na heteronomia a criança já se sujeita a leis de terceiros ou de pessoas que são “superiores”, é o contrário da autonomia, pois, todos se submetem e devem cumprir as regras e normas existentes. No último momento, na autonomia, já acontece uma consciência maior a respeito das regras e normas. As crianças já estão mais independentes para saber o que é certo ou errado.

Piaget considera que a criança começa a desenvolver o juízo moral a partir do momento em que acontece aprendizagem de deveres que lhe são atribuídos. Percebo que isso inicia na escola desde os primeiros momentos, no infantil dois. Após o momento da adaptação já inicia na rotina da criança combinados e regras para uma boa convivência. Acredito que a rotina que é estabelecida, focada em horários, direitos e deveres, colaboração, entre outras, desenvolve na criança essa noção de moral, mesmo que devido à idade a criança ainda nem compreenda o significado de tal palavra.

Acredito que este é um espaço propício para o desenvolvimento da moral, propiciando a criança movimentar-se nos três estágios. A criança, com o tempo e a intervenção do educador começa a se conscientizar e a ser capaz de repetir sozinha aquilo que começou a fazer parte de sua rotina. A partir de certo momento, é comum perceber crianças que chamam a atenção umas das outras usando um argumento que elas já ouviram em determinada situação. Este comportamento expressa uma situação heterônoma, pois demonstra o respeito rígido às regras. Compreendo este momento com parte do caminho para uma ação autônoma.

O caminho para a autonomia pode ser percebido também, não só no sentido do pensamento e da percepção das regras e combinados, conforme proposto por Piaget, mas, também com relação a atividades simples do dia-a-dia que muitas vezes os adultos realizam pelas crianças. Considero de grande importância estimular a criança na realização de suas necessidades pessoais, como por exemplo, conseguir retirar e vestir sua roupa e sapatos, conseguir organizar seu próprio lanche, colaborar na organização de brinquedos, depositar o lixo no local adequado, etc.

A autonomia tem uma relação direta com a auto-estima, principalmente nessa fase, onde há comparação entre as crianças. Presenciei situações que ao estimular a criança a fazer algo sozinha ela começava a chorar e falava que não conseguia. Um exemplo que me recordo foi em um dos momentos de retirada de fralda. Fui demonstrar a uma criança como ela iria descer sua bermuda e como ela iria vestir depois. Antes mesmo que eu mostrasse a criança já começou a chorar, falando que eu ia fazer porque ela não dava conta. Diante dessa situação fica claro que a criança sempre teve alguém que desenvolvesse essas pequenas coisas pra ela e que mesmo sem perceber as pessoas começam a desenvolver na criança uma dependência que impede o seu desenvolvimento. Nesse momento se torna claro, como o contexto social da criança influencia seu processo de desenvolvimento. Fica evidente como a super proteção e o excesso de coisas prontas afetam a autonomia e auto-estima das crianças.

Defendo que a criança precisa receber atividades de acordo com suas possibilidades, porém, precisa ser sempre estimulada para superar aquilo que ainda não é capaz de realizar sozinha. A essas possibilidades que a criança apresenta, precisando do auxílio de um adulto, Vygostsky (1932) dá o nome de Zona Proximal de Desenvolvimento. A Zona de Desenvolvimento Proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento proximal. O nível de desenvolvimento real abrange atividades que a criança realiza sozinha e o nível de desenvolvimento proximal as atividades que ela realiza com a **ajuda** de outras pessoas. Enfatizo a palavra ajuda, pois isto não significa fazer pela criança. Ora o desenvolvimento proximal é o foco do processo educacional, uma vez que ele apresenta

uma perspectiva futura, de desenvolvimento. Enquanto o desenvolvimento real é algo concretizado, finalizado. A esse respeito, Oliveira (2006, p. 61) ressalta que

[...] é na zona de desenvolvimento proximal que a interferência de outros indivíduos é a mais transformadora. Processos já consolidados, por um lado, não necessitam da ação externa para serem desencadeados; processo ainda nem iniciados, por outro lado, não se beneficiam dessa ação externa.

Vivenciei muitas vezes crianças que choravam para levantar da cadeira e jogar o papel do seu lanche no lixo. Crianças que mais demoraram a se adaptar na escola, foram crianças que ainda eram totalmente dependentes de um adulto de seu convívio. Crianças que ainda mamavam, que ficavam apenas no colo.

A partir do momento em que esse projeto de Identidade e autonomia começou a ser trabalhado foi evidente a mudança de atitudes de todas as crianças, mas de modo especial de algumas que mais necessitavam de alterações em suas rotinas e em seu contexto. Outro aspecto que se tornou evidente durante o desenvolvimento desse projeto foi a forma como as crianças se comparam e se espelham umas nas outras. Uma criança mais desenvolvida e com mais autonomia é capaz de influenciar muito o comportamento de outras, passa a ser um exemplo e os outros com a intenção de “fazer igual” acabam se desenvolvendo. É o outro mais experiente interferindo na ZPD.

Em um ano letivo trabalhando com esse projeto, observei algo que me fez acreditar ainda mais em como o meio que a criança está influenciando seu desenvolvimento, incluindo neste meio o papel da instituição escolar.

Todas essas experiências citadas acima despertaram meu interesse pela educação infantil e me fizeram perceber de forma concreta a sua importância, considerando a influência que exerce no desenvolvimento de uma criança. O profissional de educação infantil tem uma responsabilidade grande em permitir que a criança desenvolva suas capacidades de maneira segura, levando em consideração sua auto-estima. A auto-estima será algo que a criança precisará para o resto da vida e para que todas as suas próximas conquistas sejam alcançadas de forma equilibrada. A Educação infantil bem vivida precisa equilibrar na criança o desenvolvimento da parte cognitiva e da parte emocional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Realizar esse trabalho me possibilitou um novo estudo, com relação aos autores e a história da Educação Infantil e de sua trajetória. Poder refletir novamente depois de alguns anos de prática essas teorias e essa área tão importante da Pedagogia, que é a educação infantil, foi uma experiência muito rica para meu desenvolvimento. Acredito que a teoria realmente faz sentido quando ela é percebida através da prática. Foi muito interessante poder relembrar de situações vividas em sala de aula através do estudo de autores que tanto contribuíram para o conhecimento do desenvolvimento infantil.

Depois dessa trajetória na faculdade, nos estágios e por fim como professora regente, as experiências vivenciadas confirmam o quanto a Educação Infantil contribui para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional de uma criança. Confesso que me encantei de uma forma única pelo exercício dessa profissão. Foi muito prazeroso todo o trabalho que desenvolvi ao longo desses anos e poder concluir meu curso com o estudo de um tema que tanto me interessa e com o relato de experiências vivenciadas está sendo maravilhoso.

Confesso que estou ansiosa com a nova realidade que me espera na Secretária de Educação. Não sei se será possível continuar desenvolvendo meu trabalho na educação infantil, mas, é meu grande desejo. Será uma grande oportunidade de experiência em um contexto completamente diferente do atual, mas, que eu sei o quanto tem a me acrescentar. Desejo continuar a cada dia renovando meu compromisso em ser uma educadora competente e poder fazer a diferenças na vida das crianças que estarão comigo.

Hoje, após esses anos em contato com a Pedagogia e com essa profissão que inicio, só tenho a agradecer pela providência de ter passado no vestibular em 2007. Considero ter aprendido muito e amadurecido com as experiências que a faculdade e meu trabalho me proporcionaram. Continuo desejando fazer o curso de Psicologia, mas, com a certeza de que será bem mais produtivo realizar esse sonho com toda a bagagem que a Pedagogia me proporcionou.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. 126p.
- CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. L.; CODO, W. (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- FELIPE, Jane. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHE, Gládis E. *Educação Infantil: pra que te quero?*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- GALVÃO, I. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.
- HOUAISS, Antônio; SALLES, Villar, Mauro. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- OLIVEIRA, M.K. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico*. 4. ed. São Paulo: Editora Scipione, 2006.
- PAIGE-SMITH, Alice; CRAFT, Anna. *O desenvolvimento da prática reflexiva na educação*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- SANTOS, Michelle Steiner dos; SILVA, Alessandra; NUNES, Ana Ignez Belém Lima. *Psicologia do desenvolvimento: temas e teorias contemporâneos*. Brasília, DF: Liber Livro, 2009.
- VYGOTSKY, L. S. (1989). Historia del desarrollo de las funcionespsíquicas superiores. In: VYGOTSKY, L.; LEONTIEV, A.; LURIA, A. *El proceso de formación de la psicología marxista*. Moscou: Editorial Progreso, 1989.
- ZÍLIO, Aline Lariza et al. Educação infantil: reflexões sobre os desafios do fazer pedagógico. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1., CASCAVEL, 2008. Anais... Cascavel: Unioeste, 2008. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/1/Artigo%2064.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2013.